

*Versão Digital
Julho de 2023*

A História do Estádio Guarani FC

Fernando Pereira



Jogos realizados no Estádio: 520

Vitórias: 329

Empates: 91

Derrotas: 100

Obs.: Dois jogos foram anunciados, com resultados desconhecidos.

Gols marcados: 1422

Gols sofridos: 685

Levantamento feito por Celso Franco de Oliveira F.

Como Tudo Começou

A Praça Carlos Gomes

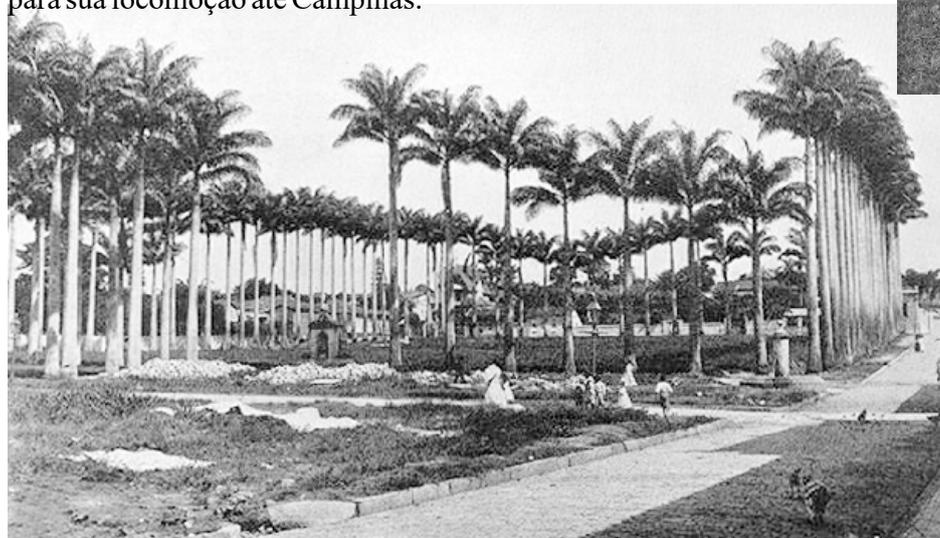
Como se sabe, o Guarani FC foi fundado numa reunião realizada no Largo Carlos Gomes, próximo ao centro de Campinas. Ali, entre as palmeiras, era comum garotos se reunirem para “bater uma bola”, e foi em homenagem à ópera *Il Guarany*, do maestro campineiro Antônio Carlos Gomes, que o clube recebeu o seu nome. Vamos conhecer um pouco da história do local da fundação (transcrita do livro *A Sombra das Palmeiras Imperiais - Taba/1987-2017*):

“Originada com a derrubada de uma casa pertencente ao alferes conhecido como *Luiz Gordo*, conforme documento enviado à Câmara Municipal no ano de 1848, a Praça Carlos Gomes teve longos períodos de abandono. De ingrata posição geográfica, recebia, naqueles seus primeiros dias, toda a água oriunda do centro da cidade e da região antes conhecida como *Cambuhysal*, o que, aliado às várias nascentes existentes, fazia do local uma área totalmente alagadiça. Por isso, a primeira denominação recebida foi *Largo do Brejão*.”

Por algum tempo, foi o local transformado pela população em verdadeiro depósito de lixo, até que em 1875 foi considerado “Jardim Público”. A seu lado ficava a famosa *Chácara do Padre Miguel*, mais conhecida que a própria praça. Em 1880, finalmente recuperado, recebeu a denominação de *Largo Carlos Gomes*, por sugestão do Dr. Jorge Miranda.

Ponto de parada de carroceiros e viajantes, teve em dezembro de 1882 inaugurados 3 chafarizes, destacando-se um grande, com frente para a Rua General Osório, e um bebedouro para animais, voltado para a esquina das ruas César Bierremback e Irmã Serafina, esta ainda com pista única.

Em 20/10/1883, por proposta do Major Manuel Francisco Mendes, a Câmara Municipal autorizou a compra de 100 palmeiras imperiais pela importância de 300 mil réis. As mudas vieram do Rio de Janeiro e a Câmara não imaginava as dificuldades que surgiriam para sua locomoção até Campinas.



Finalmente providenciada sua plantação ao redor da praça, novos problemas: vândalos destruíram algumas jovens palmeiras em busca de palmitos. Foi necessário o emprego de gaiolas de ferro e cercá-las de arame farpado. Mas, embora perfeitamente demarcada pelas palmeiras, o Largo continuou em quase total abandono.

O grande chafariz já foi descrito como “*uma peça harmoniosa, de linhas simples, mas elegantes, constando de um frontão de cimento, tendo ao centro um nicho com artístico jarrão ornamental e ao lado dois golfinhos, com detalhes decorativos*” (que na verdade eram grandes peixes). Ele, assim como o bebedouro, por sua água em abundância, acabava atraindo as lavadeiras das redondezas, que estendiam suas roupas no próprio “gramado” ao redor. Resistiu até a grande reforma de 1912/13, sendo demolido.

O local foi totalmente ajardinado, recebendo um lago artificial e um coreto (ainda existente). A inauguração oficial da nova praça ocorreu no dia 7 de setembro de 1913, na gestão do Prefeito Dr. Heitor Teixeira Penteado, com grande participação popular.

A Praça Carlos Gomes, conhecida por suas belíssimas palmeiras imperiais, é ainda hoje um dos principais pontos de encontro e lazer de Campinas.

Em 02/04/1982, um marco (doado pelo grupo Taba) foi colocado no local da fundação do Guarani, na esquina das ruas Conceição e Irmã Serafina, e inaugurado pelos fundadores Vicente Matallo e Pompeo de Vito.



À esquerda, o *Largo Carlos Gomes* por volta de 1910. Nota-se o grande chafariz, o bebedouro e até mesmo roupas estendidas pela população (reprodução de cartão postal da *Casa Genau*).

Em 1911, a reorganizada *Associação Athletica Guanabara* chegou a pedir à Prefeitura autorização para nele montar um campo de futebol. Foi negado.

O Campo da Villa Industrial

(Transcrito do livro *À Sombra das Palmeiras Imperiais*):

“Após a fundação, de imediato foi nomeada uma comissão para contatar o Prefeito Municipal, Dr. Heitor Teixeira Penteado (na foto ao lado), um grande incentivador dos esportes, e lhe transmitir o desejo do novo grêmio de ter um campo permanente para a prática do futebol. Essa comissão foi liderada pelo dinâmico adolescente Pompeo de Vito.



No dia 23 de abril (domingo), somente duas semanas depois da reunião de instalação do Guarani (NR: que aconteceu em 9 de abril na sede da *Sociedade Recreativa Familiar 7 de Setembro*), o *Commercio de Campinas* convocava os membros do clube para o primeiro treino na Vila Industrial:

“GUARANY FOOT-BALL CLUB

No ground de Villa Industrial realiza-se hoje, às 2 horas da tarde, um match training entre dois teams formados por socios desta agremiação.”

O campo da Vila Industrial situava-se defronte ao Asilo São Vicente de Paulo (cujas obras haviam se iniciado em 1908), na confluência das ruas Francisco Theodoro e Dr. Salles de Oliveira. Ele foi solicitado por escrito e, em 12 de maio de 1911, o prefeito Heitor Teixeira Penteado despachou o ofício do Guarani ao Fiscal Municipal, com parecer favorável. É possível sabermos desse detalhe graças ao jornal *Correio de Campinas*, que atuava como um verdadeiro “Diário Oficial” e publicou na 1ª página de sua edição de 13 de maio (sábado):

Pedido

A directoria do Foot-ball Guarany solicitou licença para estabelecer o seu campo em frente à Villa S. Vicente de Paulo.

Na mesma edição do *Correio de Campinas*, tivemos ainda na página 2, numa coluna exclusiva para divulgação dos atos do Prefeito:

Prefeitura Municipal

Despachos em 12 de maio de 1911

Requerimentos

(...) Do Club Foot-Ball Guarany para realizar exercícios em frente a Villa Vicente de Paulo. Informe o fiscal.

A 17 de maio (quarta), na mesma coluna do *Correio de Campinas* foi publicada a decisão final:

Prefeitura Municipal

Despachos em 16 de maio de 1911

(...) - Do Club Foot-Ball Guarany, informado. Deferido.”

De imediato, os próprios associados, de enxadas nas mãos, se encarregaram de deixar o campo em boas condições de uso. As traves foram montadas com bambus, disponíveis por onde hoje se localiza o quartel do 8º Batalhão da Polícia Militar, mas isso acabaria trazendo aborrecimentos, já que, volta e meia, moradores das redondezas as “surrupiam” para utilizá-las como lenha. A única solução acabou sendo desmontá-las após cada treino.

Mais tarde, nos principais campos da cidade, esse problema foi solucionado com a colocação de traves feitas de **trilhos**.”

Infelizmente, jamais encontramos uma imagem do *Ground da Villa Industrial*, mas existe uma foto aérea de 07/06/1935, da coleção do Museu Aeroespacial, disponível no site da *Brasilianafotografica*, que nos permite, pelas informações conhecidas, presumir onde era o primeiro campo do Bugre.

Nessa foto dos anos 30, reproduzida em parte a seguir, assinalamos o local do Asilo São Vicente de Paulo, ainda hoje existente.



O *Ground da Villa Industrial* foi utilizado principalmente para treinos. As primeiras partidas conhecidas do Bugre já aconteceram no *Ground do Guanabara*, considerado o melhor campo da cidade.

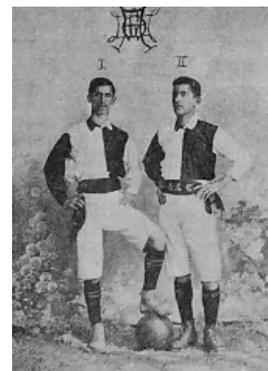
As informações sobre jogos na *Villa Industrial* em 1911 e 1912 são bastante precárias, mas sabe-se que, em 20/08/1911, o 2º quadro do Guarani perdeu para o 1º quadro do *SC Riachuelo* por 1 x 0. Para 17/12/1911, anunciou-se a partida *Guarany x Corinthians FBC*, sem posterior divulgação do resultado.

Em 1912, logo a 7 de janeiro, foram anunciados, para o campo da Vila Industrial, jogos do 1º e 2º quadros do Guarani contra o *SCFB Operario*. Nem sinal dos resultados. Para 21/01, o adversário foi o melhor time da cidade no final de 1911, o *Corinthians FBC*, mas também sem qualquer notícia do placar. No dia 18/02/1912, o “segundão” do Bugre goleou o 1º do *SC Vera Cruz* por 4 x 1.

Em 24/03/1912, aconteceu ali, no *ground da Villa Industrial*, o primeiro “dérbi” da história, cujo placar, não divulgado na época, é incerto até hoje.

O Ground do Guanabara

A Associação Athletica Guanabara foi uma das mais importantes agremiações esportivas de Campinas na primeira década do século XX. Fundada em 1906, participou no ano seguinte do primeiro campeonato municipal da história. Por essa altura, mostrava sua força ante os demais times locais e conseguiu ver publicadas em 1907 duas fotos de seus atletas na famosa revista carioca *O Malho*. A primeira, de seu vice-presidente e capitão Durval Nabor de Faria, e a segunda com Domingos Meirelles e Miguel Amendola, com o uniforme utilizado em sua estreia no Campeonato Campineiro (metade branco e metade preto, invertido nas costas), que reproduzimos ao lado.



Fotos encontradas por Moisés Cunha

Outro diferencial desse clube foi o fato de contar com um campo “próprio”, em terreno disponibilizado pela família do finado Barão de Itapura (Joaquim Policarpo Aranha, falecido em 06/01/1902), entre as ruas José Paulino e Barão de Itapura. O campo, preparado pelos próprios jogadores, ficou conhecido como *Ground do Guanabara* ou *Ground da José Paulino*, rua que lhe dava acesso. Ruas como a atual Antônio Álvarez Lobo, onde passava o trem da Funilense, e Barão Geraldo de Rezende ainda não existiam. Infelizmente a *AA Guanabara* sofreu algumas interrupções na atividade, algo que era comum entre os pioneiros clubes de futebol da cidade.

As primeiras partidas conhecidas do Guarani em 1911, contra o *SC 15 de Novembro* (18/06) e o novato *Corinthians FBC* (16/07) aconteceram no *Ground do Guanabara*. A foto a seguir é de um dos primeiros jogos do Bugre, com seu primeiro uniforme oficial (camisas e bermudas brancas e meias verdes), nesse campo.



Autor desconhecido - Reprodução V8/CMU

O Hipódromo Campineiro

Inaugurado em 29/09/1878, o Hipódromo do bairro Bonfim recebeu pela primeira vez um jogo de futebol em 28/08/1904, quando o pioneiro *Gymnasio Athletico Club* enfrentou o *Mogy-mirim Sport Club*, pelo Campeonato da *Liga do Centro* (o primeiro realizado no interior, com essa liga sendo fundada e sediada em Mogi Mirim). O campo foi improvisado dentro da pista das corridas, em frente a arquibancada. Foi sede também do Campeonato Campineiro de 1907 e dos primeiros 9 jogos da competição municipal de 1912.

Depois de utilizar inicialmente o *Ground da Villa Industrial*, principalmente para seus treinamentos, em março de 1913 o Guarani começou a alugar junto ao *Sport Club Commercial* o campo do bairro Guanabara, então cedido a esse clube. Alguns meses depois, porém, o *Commercial* também encerrou suas atividades e o Bugre obteve junto à proprietária do terreno uma permissão de uso gratuito. Era ela Dona Isolethe Augusta de Souza Aranha (1867-1957), filha do Barão de Itapura, Joaquim Policarpo Aranha, e de Dona Libânia de Souza Aranha (06/06/1829 - 08/01/1921). Caçula dos seis filhos do casal, Isolethe herdara aquela área e outros imóveis após a morte do pai, em 06/01/1902. Uma curiosidade: ela era tia de um dos pioneiros do Guarani, Egydio Aranha.

Em 1913, o Bugre realizou ao menos sete partidas no *Ground do Guanabara*, incluindo amistosos intermunicipais contra *São Paulo Regatas* e *Concordia FBC*, da capital, e *Corinthians de Jundiáhy*. Em 1914, outras sete.

No início de 1915, o Guarani decidiu cobrar ingressos em seus jogos, que eram contra adversários cada vez mais categorizados e com público cada vez maior, e o único local da cidade que possibilitava essa prática, com sua arquibancada coberta, sanitários e bilheterias, era o Hipódromo do Bonfim. As partidas passaram a ser lá. Na foto, de *J. Villela*, o Bugre no Hipódromo em 14/03/1915. Segurando a bandeira, o jovem Egydio Aranha.



Reprod. do jornal Commercio de Campinas

Rumo ao Estádio Próprio

A Primeira Tentativa

Já em 1918, o Guarani discutia a possibilidade de possuir seu próprio estádio. Em 1919, a diretoria bugrina trabalhou junto ao governo municipal, pedindo a doação de uma gleba onde pudesse construí-lo. A demora na resposta fez com que houvesse até uma certa pressão, através da imprensa. Finalmente, em outubro de 1919, a Câmara Municipal, através da Resolução nº 568, aprovou a cessão temporária de um terreno, e o Prefeito Heitor Teixeira Penteado a referendou no dia 10 de outubro de 1919. O decreto, na íntegra:

O Doutor Heitor Teixeira Penteado, Prefeito Municipal de Campinas, etc.

Faço saber que a Camara Municipal decretou e eu promulgo a seguinte

Resolução N. 568

(*Concede terreno para «stadium», ao Guarany Foot Ball Club*).

Art. 1.º — Ficam cedidas á associação sportiva Guarany Foot Ball Club, com séde nesta cidade, pelo prazo de dez annos, as quadras de terrenos situadas no bairro da Ponte Preta com face para a linha de bondes electricos, designada nas planta official com as letras E e D, contendo 22.600 metros quadrados, para construcção de um «stadium» destinado á disputa de jogos athleticos.

§ unico — O prazo da cessão será prorogado por mais dez annos, desde que a cessionaria, findo o primeiro prazo, tenha, dentro d'elle, cumprido rigorosamente as condições contractuaes.

Art. 2.º — A presente cessão é feita nas seguintes condições, além de outras de character commum :

A) Prévia approvação da planta das obras projectadas, a qual deverá obedecer aos preceitos technicos de segurança, elegancia e conforto;

B) Praso de seis mezes para o inicio e de dois annos para a conclusão das obras;

C) Conservação das obras executadas e a realização pelo menos mensalmente, de reuniões sportivas, com character festivo.

D) Reversão dos terrenos cedidos ao patrimonio do Municipio, com todas as bemfeitorias, findo o praso referido no art. 1.º, o qual será contado da inauguração official do «stadium» ou por infracção das condições estabelecidas no compromisso que a cessionaria assignará na Prefeitura para effectividade da presente cessão.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da presente resolução competir, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contem.

Campinas, 10 de Outubro de 1919.

Heitor Teixeira Penteado

Publicada na Secretaria da Prefeitura, aos 13 de Outubro de 1919.

O Secretario,

José Augusto Quirino dos Santos

A oferta da Prefeitura, de no máximo 20 anos de concessão do terreno no bairro Ponte Preta, no caminho para o “Cemitério do Fundão” (da Saudade), não agradou, e por motivos óbvios. Pensando alto, em 07/01/1920, a diretoria nomeou o Secretário (e jornalista) Homero A. S. Camargo para que atualizasse o estatuto, com o clube se constituindo em entidade jurídica, apto a comprar e vender imóveis. O estatuto foi alterado e depois encaminhado para registro no (1º) Cartório, onde ainda pode ser visto, microfilmado.

Na ata da Reunião de Diretoria em 25/06/1920 constou que a *Associação Campineira de Foot-Ball* perguntara ao clube se ele ainda queria construir um estádio no terreno oferecido pela Municipalidade. A resposta foi que desistiu. Mas o sonho não acabara...

Em janeiro de 1921, morreu Dona Libânia, a “Baronesa de Itapura”. Sua filha, Dona Isolethe Augusta de Souza Aranha (chamada de “Iaiá”), herdeira dos imóveis da família, e pessoa de um coração boníssimo, foi então procurada para uma tentativa de negociação.

O clube decidiu reunir todos os esforços para a compra da área do *Ground do Guanabara*, considerada a ideal, e Egydio Aranha - sobrinho de Dona Isolethe - acabou tendo um papel fundamental, ao conseguir convencer a tia a vender o terreno, de 22.053 m², ao preço irrisório de 900 réis o metro.



Dona Isolethe, quando jovem.

Com o negócio apalavrado, em 18/08/1921 o Presidente Carmine Alberti cria uma “Comissão Pró-Estádio”, com nomes de peso na sociedade e no comércio campineiros. João Pereira Ribeiro era o presidente, tendo Frederico Borghi, Júlio dos Santos Mota, José Ferreira de Godoy, Alfredo Maria Maia, José Milani, Matheus Romeiro Pinto, Dante Gabriel Martins e Vicente Canecchio como membros.

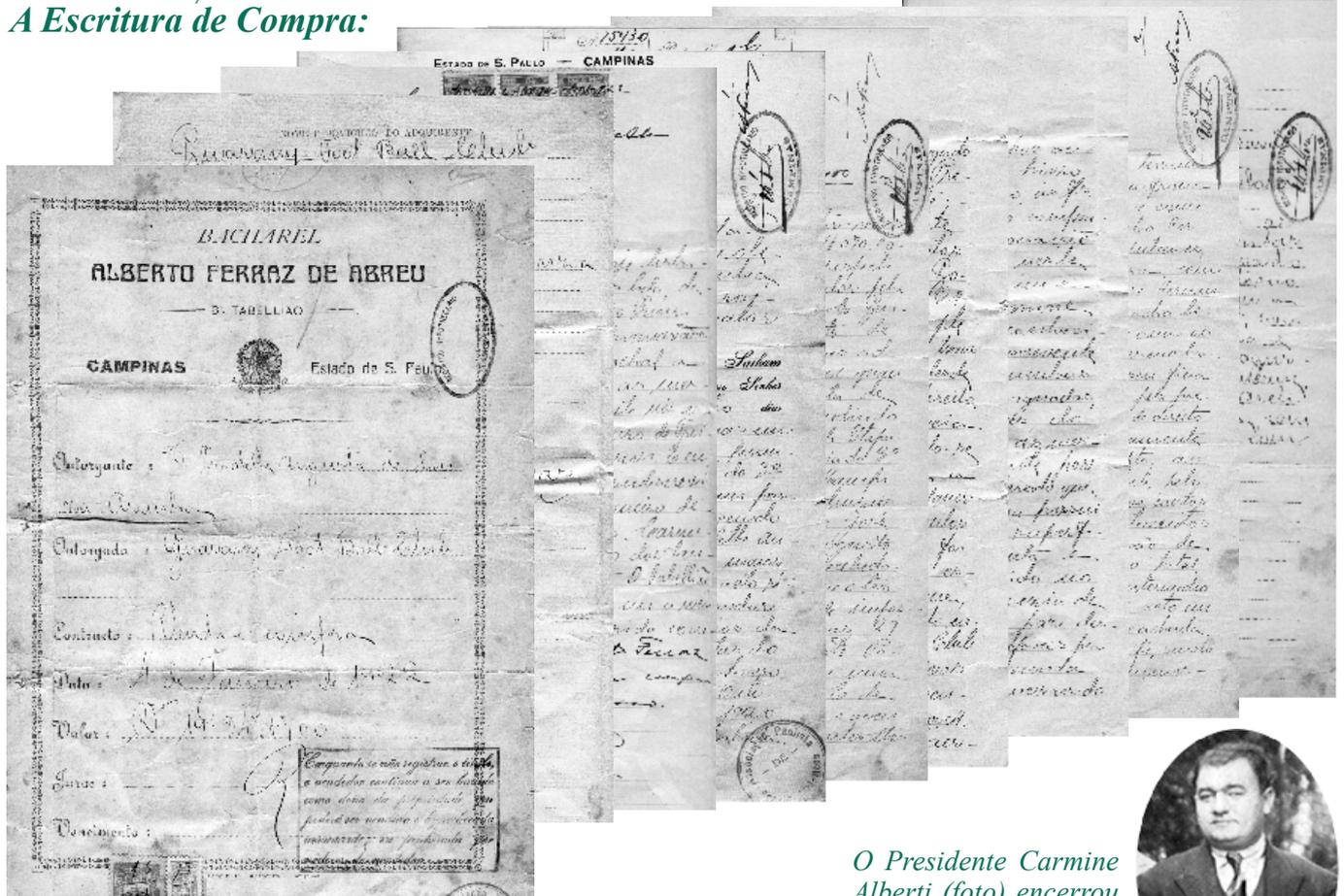
Logo foi organizada uma quermesse no “Jardim Público” (Praça Imprensa Fluminense), onde hoje há o Centro de Convivência Cultural, para obtenção de recursos, com o clube recebendo doações de centenas de brindes. Várias outras campanhas de arrecadação foram desenvolvidas, até que finalmente se alcançou o valor de 19:847\$700, o custo total do terreno. Um importante detalhe: o estádio seria construído pela Comissão Pró-Estádio, e não pela diretoria do clube.

Em 12/12/1921, foi realizada uma reunião extraordinária da diretoria bugrina com a Comissão Pró-Estádio, para bater o martelo sobre a compra da área, e a decisão, favorável, foi referendada por Assembleia Geral em 04/01/1922, a data que consta na escritura de compra, (mesmo dia da eleição de Antonio Albino Júnior para ser o próximo presidente do Bugre).

A atuação e dedicação de Egydio Aranha, na compra e nas campanhas, foram depois reconhecidas pelo clube, que em 31/12/1926 o homenageou com o título de Sócio Benemérito, mas diziam que ele nunca foi totalmente perdoado por sua tia, que percebeu ter feito um péssimo negócio. Logo após a construção do estádio, o metro quadrado na redondeza passou a valer trinta vezes mais do que foi cobrado do Guarani.



Na foto (do Studio Forster/acervo CMU), o “Ground do Guanabara” na época da compra. Ao fundo, as igrejas do Carmo (Matriz Velha), do Rosário e a Catedral (Matriz Nova).



O Presidente Carmine Alberti (foto) encerrou sua gestão assinando a Escritura de Compra.

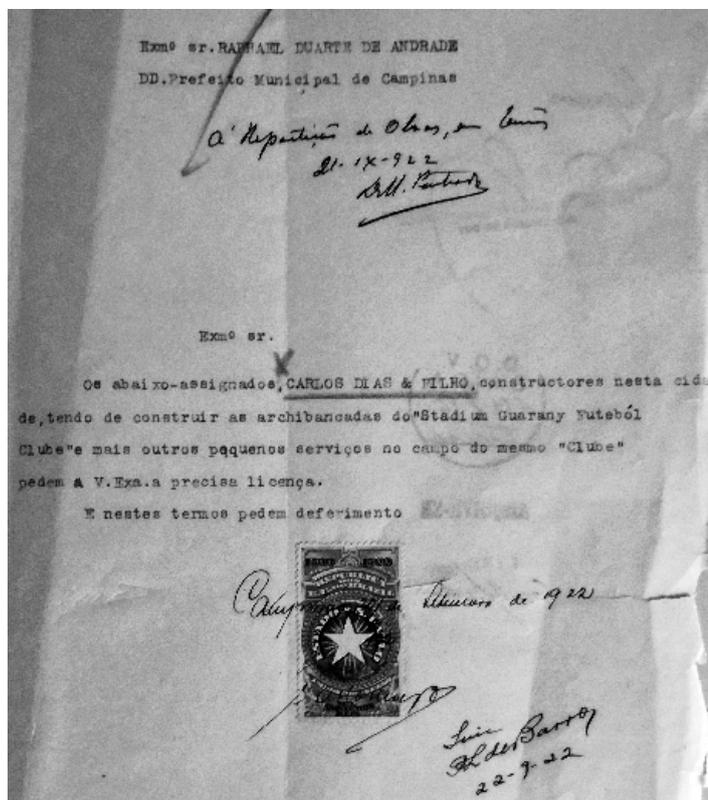
Um extrato da escritura de compra do terreno do Guanabara, datada de 4 de janeiro de 1922:

“(...) que por acordo das partes vae registrada no livro competente de nº 7, deste cartório, às fls 3v e seguintes, e como outorgado comprador o Guarany Foot Ball Club, associação sportiva com séde nesta cidade e neste acto representado pelo Presidente, em exercício, de sua Directoria Carmine Alberti, os presentes ambos reconhecidos como os proprios por nós escrevente e Tabellião e pelas duas testemunhas (...) pela outorgante, seu procurador, nos foi dito e declarado que o justo titulo é ella senhora e legitima possuidora de um terreno com a área superficial de vinte e dois mil e cincoenta e tres metros quadrados, e situado no bairro do Guanabara, Freguezia de Santa Cruz, 2º districto de paz desta cidade de Campinas com faces para as ruas José Paulino e avenida Barão de Itapura, ficando encravado no respectivo canto com terreno pertencente a Antonio Magurno confrontando com ditas vias publicas e com o referido Magurno, com a Linha Ferrea Funilense, com Manóel Antunes, com Avelino do Nascimento Souza, com João Athayde de Oliveira e com José Fernandes Ventosa, terreno esse que se acha livre e desembaraçado de quaesquer onus ou responsabilidades, tendo sido o mesmo havido por pós-sucessão hereditária de seu finado pae o Barão de Itapura; e que pela presente escriptura e na melhor forma de direito ella outorgante vende, como effectivamente vendido tem o terreno descripto ao outorgante Guarany Foot Ball Club, pelo preço certo e contractado de dezenove contos oitocentos e quarenta e sete mil e setecentos reis (19:847\$700) ou seja a razão de novecentos rs cada metro quadrado, preço total esse que ella outorgante por intermédio de seu dito procurador recebeu neste acto em moéda corrente nacional contada e achada exacta, de cuja confissão damos fé, sendo-lhe tal pagamento feito pela Comissão pró Stadium do referido outorgado composta dos Snrs. João Pereira Ribeiro, Presidente; Frederico Borghi, Vice Presidente; Alfredo M. Maia 1º Thesoureiro; Vicente Canecchio 2º Thesoureiro; Julio dos Santos Motta Secretario Geral; José Ferreira de Godoy 1º Secretario e Dante G. Martins 2º Secretario; e assim dando como plena e geral quitação (...) por seu Presidente nos foi dito e declarado que acceitava esta escriptura em seus expressos termos e que assim ficava o terreno ora adquirido incorporado ao patrimônio do referido Club em conformidade com seus respectivos estatutos (...)”

Assinaram os documentos: Phelippe Gonçalves, Carmine Alberti, José Araújo Quirino dos Santos, Trajano Pereira Guimarães e o Tabelião Alberto Ferraz de Abreu.

A primeira etapa foi a construção de muros laterais, feitos pelo empreiteiro Euzébio Carlos Dias. Seguiu-se uma terraplanagem do terreno. Para o muro fronteiro e as demais obras, o clube decidiu abrir uma concorrência, vencida pelo mesmo empreiteiro. No dia 22/08/1922, enquanto o time bugrino disputava o V Campeonato do Interior da APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos), foram apresentados os valores previstos para a construção do estádio. Mas os recursos entravam muito lentamente e, já em setembro, o estatuto do clube foi novamente alterado, permitindo à diretoria contrair empréstimos e até hipotecar seu patrimônio.

No dia 21/09/1922, a empresa *Carlos Dias & Filho* solicitou ao Prefeito Raphael Andrade Duarte uma licença para construir as arquibancadas e realizar outras obras. A seguir, cópia dessa solicitação, encontrada no Arquivo Municipal de Campinas:



No fim do ano, as obras quase foram paralisadas por falta de recursos. O clube então obteve um empréstimo de 16:000\$000 (dezesseis contos de réis) junto a firma A. Franceschini & Cia.

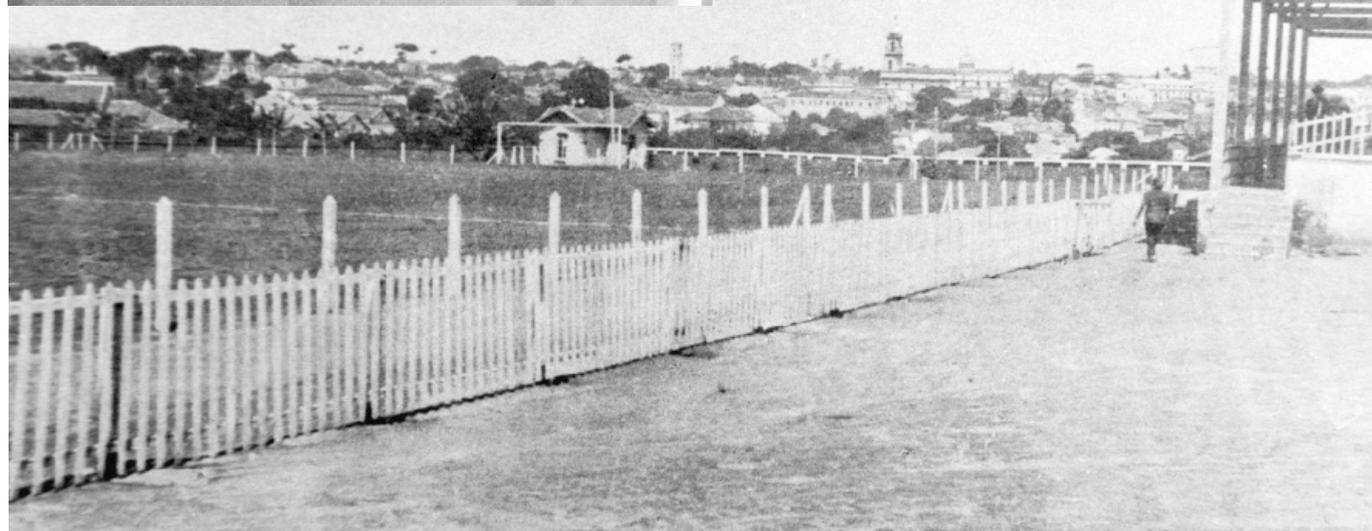
Com esse dinheiro, mais o arrecadado nas incansáveis campanhas da Comissão Pró-Estádio, ainda liderada pelo Sr. João Pereira Ribeiro (foto), partiu-se para a conclusão da primeira etapa da construção.



Destaques para as doações do empresário Coronel Henrique Pereira Ribeiro, um vagão de vigotas, no valor de 1:000\$000 (um conto de réis), para cercar o campo, e dos Srs. Prestes de Moraes Alves e Reynaldo Laubstein, com grande quantidade de madeiras.

Sem qualquer doação de verba pelo Poder Público e contando somente com o esforço e a colaboração de seus sócios e torcedores, o estádio bugrino, oficialmente chamado de *Estádio Guarany Futebol Clube*, foi erguido, oferecendo pela primeira vez a Campinas um campo perfeitamente gramado e cercado, com uma confortável arquibancada, com cobertura sustentada por seis conjuntos de colunas de madeira, tendo vestiários e *mictórios* por baixo. Do outro lado, uma pequena geral de madeira. Ao fundo, seria construída na sequência uma casa para o zelador.

O campo de jogo teve sua posição um pouco alterada em relação ao antigo e fizeram uma raia para corridas, entre duas cercas, defronte a arquibancada principal. Isso também traria recursos, pois entre 1925 e 1931 o Clube Campineiro de Regatas e Natação alugaria o estádio para treinos de seus atletas de pedestrianismo.



O Guarani se apressou para deixar seu estádio em condições de uso antes do Campeonato do Interior de 1923, que seria disputado no segundo semestre. Para a partida inaugural, com a intermediação de Nagib José de Barros, foi convidado o grande *Club Athletico Paulistano* (o principal clube do futebol paulista na fase amadora desse esporte), com Arthur Friedenreich e muito mais. Na manhã de 15 de julho de 1923, uma multidão aguardava o desembarque dos paulistanos defronte a estação ferroviária da Cia. Paulista. A delegação visitante foi depois levada ao Restaurante do Bosque dos Jequitibás, onde foi servido um almoço. Nesse local, foi batida uma foto com jornalistas, membros da Comissão Pró-Estádio e dirigentes bugrinos (vistos à nossa esquerda) ao lado dos dirigentes e atletas do Paulistano, à direita, inclusive com o belo troféu oferecido ao vencedor (no centro, à frente do Prefeito Miguel de Barros Penteado, de cabelos grisalhos e terno claro, sentado ao lado do presidente Antonio Albino Jr.). Essa foto, de autor desconhecido, pertenceu a Pompeo de Vito (o sexto a partir da esquerda, em pé):



Autor Desconhecido - Reprodução

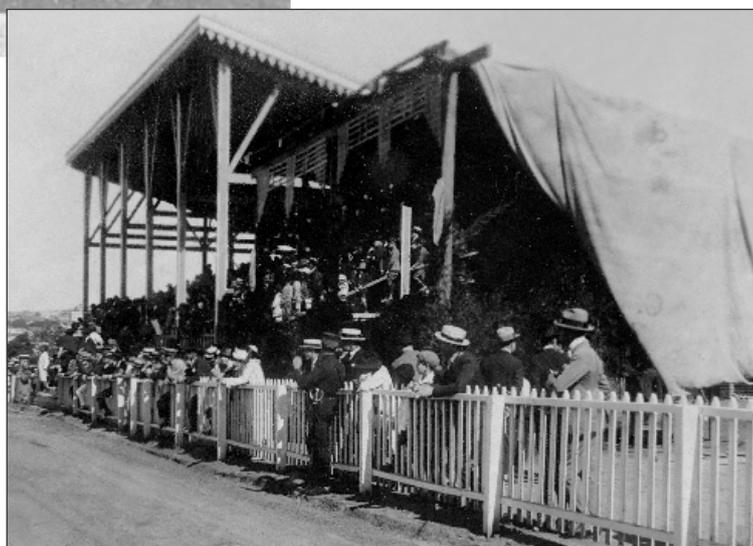


No estádio, uma multidão em traje de gala aguardava o momento em que o Guarani mais uma vez mostraria que estava muito à frente dos outros clubes de futebol da cidade.

A poucos dias da inauguração, foi construído um pavilhão reservado ao lado da arquibancada coberta. O Sr. Pedro Anderson emprestou as madeiras e o Sr. Avelino Ornellas cinco encerados para a cobertura.

Foi decidido que os sócios em dia teriam 50% de abatimento nos ingressos. Quem quisesse estacionar seu veículo na área do clube pagaria 5\$000 (cinco mil réis).

Convém citar que estava agendada para 15/07 a partida Guarani x União A. Barbarense, pelo 1º turno do Campeonato do Interior, mas ela foi adiada para 12/08/1923.



Autor desconhecido - Reprodução

Na foto, o *Guarany Foot-Ball Club*, de uniforme novo, no jogo histórico. Da esquerda, em pé: “Carrinho” (*linnesman*); Miguel, Zequinha, Barbanera, Nerino e Pilla; ao centro: Deputado, Juca e Joaquim; sentados: Joca, Pacheco e Tavares (reprodução de foto pertencente à família do então jogador Joaquim Martins).



Autor desconhecido - Reprodução FPS

Já na foto ao lado, o famosíssimo *Club Athletico Paulistano*, que foi a campo com o seguinte time: Tidoca; Clodoaldo e Guarany; Sérgio Pereira, Tango e Abate; Formiguinha, Hermógenes, Friedenreich, Mestre e Netinho. O Sócio Benemérito bugrino Nagib José de Barros foi o árbitro da partida.

A vitória coube ao bravo Guarani, com um gol marcado por Zequinha a 4 minutos do final da partida. A torcida bugrina estendeu para as ruas a festa pelo triunfo e pela inauguração do estádio que assegurava ao clube, já em 1923, uma colocação entre os de melhor estrutura em todo o estado de São Paulo.



Autor desconhecido - Reprodução V8

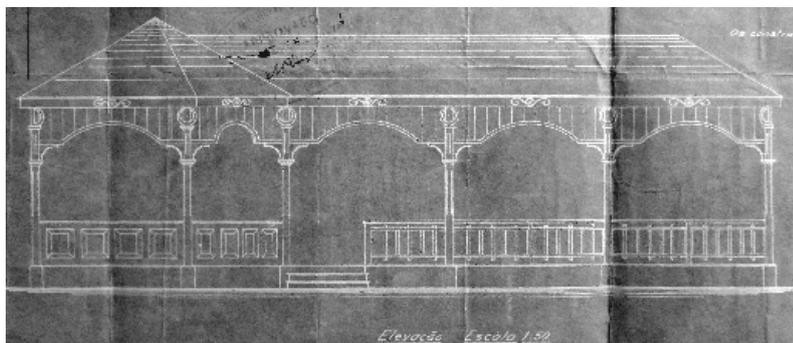
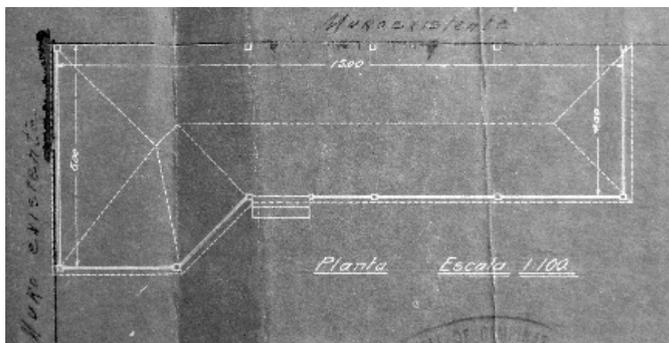
As obras prosseguiram e foram construídos a casa do zelador; 2 sanitários; encanamentos; 82,5m de muro; colocação de cascalho na pista e outros serviços, além de um pequeno bar. Em setembro de 1923, o Sr. Benedicto Ferreira da Silva doou ao clube 500\$000, para auxiliar na conclusão, mas a conta do empreiteiro Emílio Scolari foi superior a 12 contos de réis. A solução foi emprestar mais 14:000\$000 da empresa A. Franceschini & Cia., hipotecando todo o patrimônio. Buscando receitas, a diretoria fez contrato com J. Galgano & Ernesto para colocação de reclames (placas de publicidade) pelo estádio; o Sr. Eugênio Leme arrendou o bar por 2 anos, por 100\$000 mensais, e o Sr. Ramiro Eduardo venderia “balas” de doces pagando 5\$500 por jogo. Até o início de fevereiro de 1924, a quermesse continuou funcionando no Jardim Público (Praça Imprensa Fluminense).



Foto de 1925 (acervo do MIS/Campinas). Note-se o grande desnível do terreno no entorno.

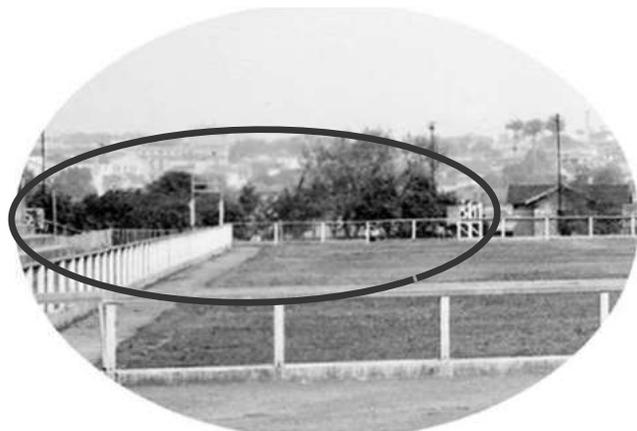
Melhorias e a Primeira Reforma

O estádio passou a ser o principal centro esportivo de Campinas, alugado até para eventos além do futebol. Em 1924, um festival de boxe foi organizado ali, com o ringue montado em frente as Sociais. Em 26/08/1926, a Diretoria decide passar o serviço de bar do estádio ao Sr. Ernesto Ribas (que lá ficaria por muitos anos). No dia 14/09/1926 foi protocolizado na Prefeitura um pedido de licença para construção de uma grande varanda para bar, próxima à rua Barão de Itapura, com as plantas anexadas (encontradas no Arquivo Municipal de Campinas).



O primeiro zelador foi Antonio Russo Jr. substituído depois por José Ferraz. No dia 22/04/27, o Sr. Ferraz, pressionado por não estar cuidando de tudo adequadamente, pede demissão do cargo. O sócio Antonio Martins assume a função provisoriamente e decide-se que os diretores Vladimir Varanda e João D'Agostino comandariam reformas e ampliações no estádio, mais que necessárias uma vez que o Bugre ingressara na 1ª Divisão do Campeonato Paulista da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA).

Em 1928, o clube constrói uma quadra de basquete próximo à casa do Zelador, que ficava atrás do gol “dos fundos”. Além de servir ao Departamento de *Bola ao Cesto*, organizado por José Giardini e Hermínio Henrique Bertani (que também projetou e comandou a construção da quadra), o espaço não só traria títulos (primeiro campeão campineiro de *Bola ao Cesto*, em 1929, e campeão campineiro da 2ª Divisão em 1931), como geraria recursos, sendo que o Clube Campineiro de Regatas e Natação, com sede em Sousas, também alugou-o para treinamento de sua equipe. No destaque abaixo, o local da quadra de basquetebol, construída atrás do campo.



Nesta rara foto aérea do final dos anos 30, vê-se a posição da quadra e, principalmente, a exata localização do estádio, entre a Avenida Barão de Itapura (acima), R. Barão Geraldo de Rezende (à direita) e Rua Antônio Álvarez Lobo (à esquerda).



No final do ano, em 30/12/1928, o Sr. Hermínio Bertani apresentou um orçamento para reforma do estádio. Era então zelador o Sr. Manoel de Freitas, que também já recebia algumas críticas. Ao zelador não cabia somente cuidar do campo e do estádio; devia, com ajuda da esposa, lavar e preservar todo o material esportivo utilizado em treinos e jogos. Mas o fato mais importante é que foi aprovada uma imediata reforma e ampliação do campo de jogo e também das “gerais”, a serem concluídos antes do início do Campeonato Paulista de 1929, no 2º semestre.

Para conseguir os recursos necessários para a reforma, o clube lançou, logo em janeiro de 1929, uma campanha de arrecadação interna, criando 1.000 “ações”, a 60\$000 cada, sendo 40 contos de réis destinados às obras e 20 contos para pagamento da hipoteca. Todo mês de novembro haveria sorteio para resgate e o prazo para o resgate final seria de 10 anos.

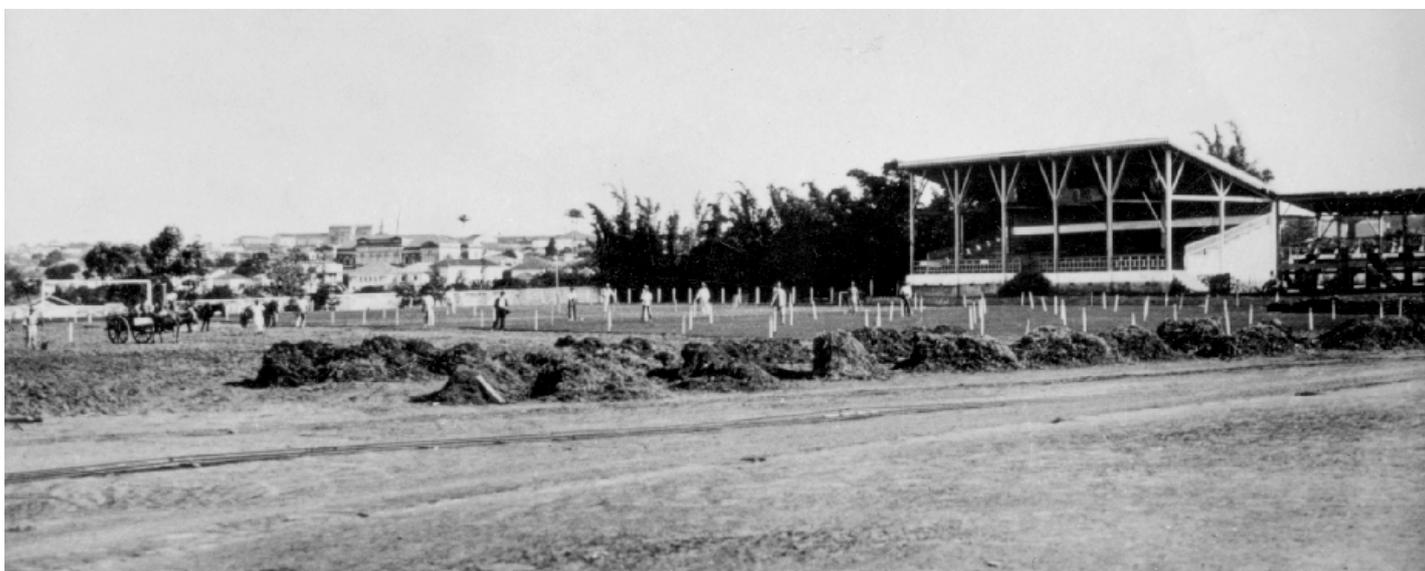
O gramado foi reformado, ampliado e foi construída uma geral de alvenaria e concreto do lado oposto às sociais. Houve a terraplanagem do terreno ao redor do campo, deixando a maior parte do piso no mesmo nível do campo, favorecendo a visualização e para que se pudesse construir ali novas arquibancadas. Um “puxado” com cobertura de zinco, que então havia ao lado das sociais, foi demolido. Ainda foi colocada uma caixa d’água suspensa, através de uma empresa especializada.

Em julho de 1929, a Cia. Paulista de Estradas de Ferro doou 4 vagões de cascalho, para ser espalhado na entrada do estádio.

Naquele mesmo mês, o Vitória de Guimarães (Portugal), que excursionava pelo país, se propôs a jogar em Campinas contra o Guarani, mas o estádio não estava pronto para o jogo. A reforma atrasou e só foi concluída em setembro, após uma pintura geral, para que o time pudesse fazer algumas partidas em Campinas pelo Campeonato Paulista da APEA, já em andamento.

O dinheiro arrecadado com as “ações” acabou sendo todo aplicado nas obras, não sendo possível o pagamento da hipoteca, que foi renovada. Após a reforma, a grande maioria dos compradores das ações acabaram doando-as ao clube, não havendo resgate.

Há várias reproduções dessa reforma de 1929, feitas pelo saudoso fotógrafo Aristides Pedro da Silva “V8” (não se conhece o autor das fotos originais), sendo que já se disse erroneamente que eram da construção do estádio. Começamos pelas imagens do campo, que foi ampliado e teve grande parte da grama substituída.



Ao lado, como eram as primeiras “gerais” do estádio: uns poucos degraus feitos com tábuas.

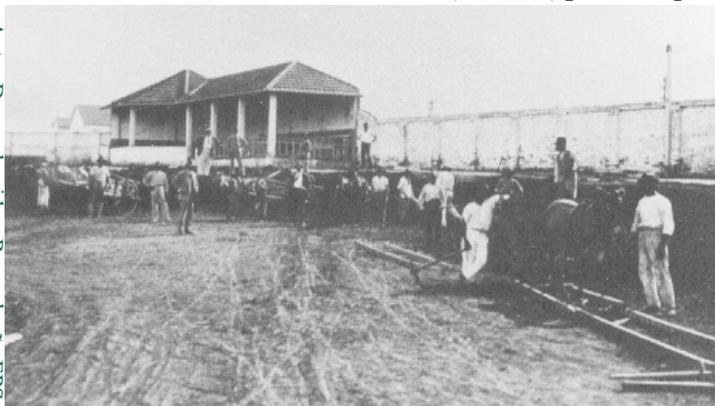
Abaixo, em 1929, a construção da estrutura em alvenaria das novas “gerais”. De terno escuro, vê-se o abnegado bugrino, Engenheiro Hermínio Henrique Bertani, o grande “comandante” das obras. De terno claro, o zelador Manoel de Freitas.



Autor desconhecido - Reprodução V8

O nivelamento do terreno ao lado do bar e atrás do gol voltado para a rua Barão Geraldo de Rezende (foto abaixo) permitiria no futuro a construção de uma grande arquibancada de madeira naquele setor (reprodução de foto preservada pelo saudoso Sr. Valdemar de Freitas, filho do então zelador Manoel de Freitas). Também seria construída uma “cabine” de madeira (elevada) para a imprensa escrita, ao lado do bar, inaugurada em 1930.

Autor Desconhecido - Reprodução FPS



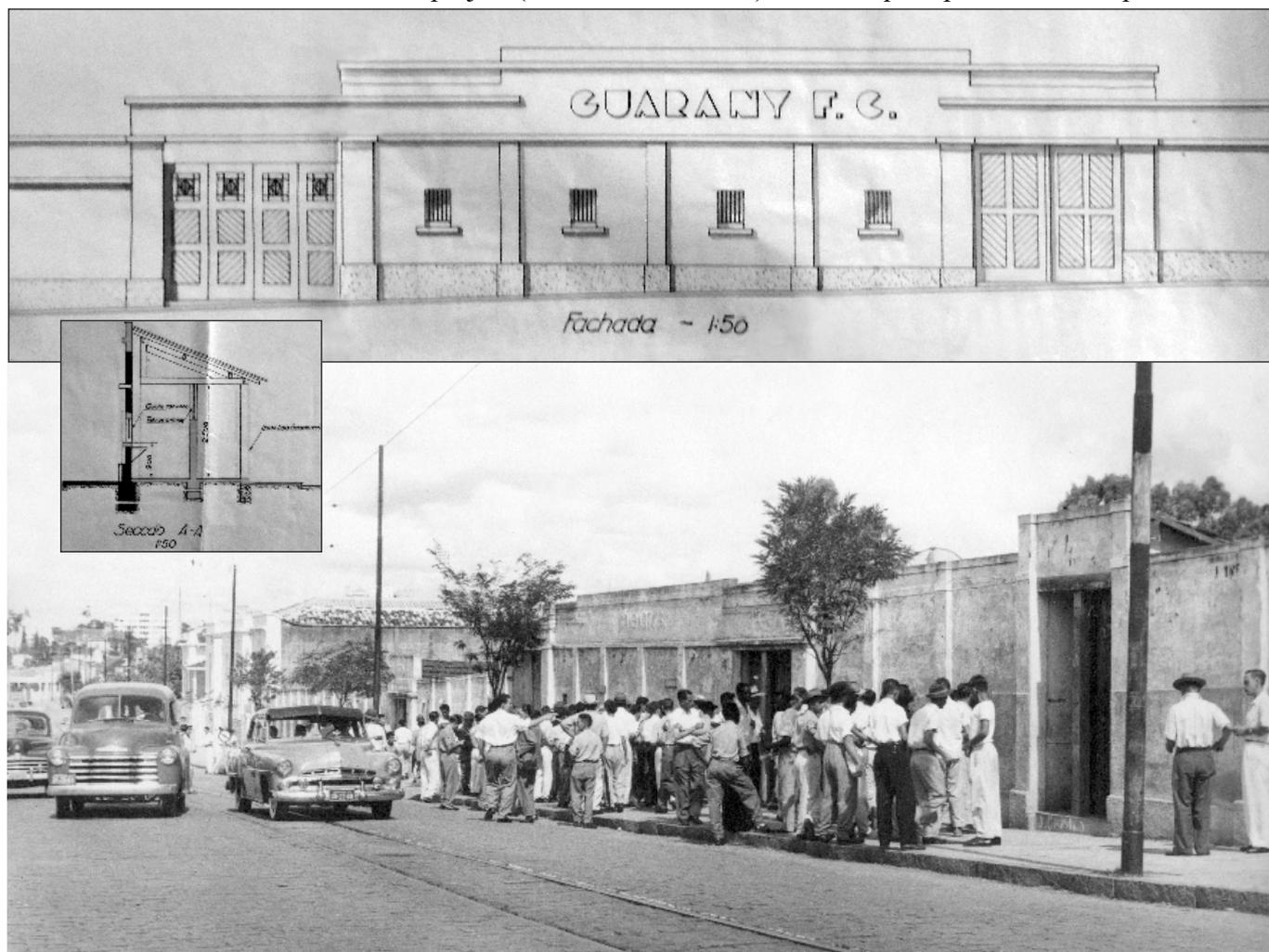
Atrás de atletas do torneio interno de 1937, a cabine de madeira construída para a imprensa escrita, junto ao bar.

A inauguração das obras ocorreu em 01/09/1929, em partida contra o Santos FC (0 x 0). A seguir, uma bela vista panorâmica do estádio, já reformado e ampliado, com a nova “Geral” de concreto armado (com 4 degraus) seguindo por cerca de 60 metros do campo de jogo (foto de autor desconhecido, encontrada no acervo da Liga Campineira de Futebol).



O Estádio também servia de casa para os demais clubes da cidade e, como o único de Campinas aprovado pela APEA, sediou ainda várias partidas decisivas pelos Campeonatos do Interior, entre clubes de outras cidades.

Oito anos depois das obras de 1929, porém, ele precisou de novos reparos e melhorias. Em 1937, foi criada uma nova Comissão Pró-Estádio, com a presença de ex-presidentes do clube como “membros de honra”. No dia 6 de julho de 1937, era protocolizado na Prefeitura ofício assinado pelo presidente Vicente Torregrossa, solicitando ao prefeito, Dr. João Alves dos Santos, um Alvará de Licença para construção de bilheterias e portões de entrada na rua Barão Geraldo de Rezende, com o projeto (de Hermínio Bertani) anexado, que reproduzimos em parte:



A fachada principal, com as bilheterias, por volta de 1950 (foto V8).

Momentos de Crise

A inauguração das novas obras ocorreu em 29/10/39, com o jogos Guarani 3 x 2 Fluminense/RJ, que marcou a estreia do artilheiro Zuza no Bugre. No final de 1939, uma reforma na arquibancada de madeira atrás do gol de entrada foi conseguida junto à firma *Barthus & Laloni*, trocada por propagandas durante todo o ano de 1940. Além de placas publicitárias, também havia um sistema de alto-falantes, que foi comercializado por 100\$000 ao mês para todo o ano de 1940 com o Sr. José Luiz Lente, que irradiava “reclames” durante o intervalo das partidas.

Em 02/07/1940 foi aprovada a locação de um terreno de 1.180m² nos fundos do estádio, que era da Estrada de Ferro Sorocabana (que incorporara a Funiense em 01/10/1921) por 10\$000 mensais, por 5 anos.

Dentro de campo, porém, o ano de 1940 foi péssimo, com campanha pífia no campeonato local.

Além do time em má fase, o clube via a crise financeira se agravar, o gramado estava impraticável e havia o risco de perder o estádio pela hipoteca. Para culminar, a Assembleia Eleitoral de 28/12/1940 foi pura confusão e terminou sem uma diretoria eleita.

O Guarani precisava de alguém que assumisse o clube com credibilidade, pulso firme, capacidade de liderança e dedicação quase exclusiva para dar a “volta por cima”, ou corria o risco de perecer.

Nos primeiros dias de janeiro de 1941, a busca foi por esse nome de consenso, e ele surgiu. Depois de muita relutância, o médico Sebastião Otranto aceitou o desafio. Na Assembleia Geral de 13/01/1941, decidiu-se eleger o Dr. Otranto como presidente, dando-lhe poderes absolutos para administrar o clube à sua maneira. Ele assumiu e logo reuniu em torno de si um grande número de colaboradores, inclusive muitos que antes estavam afastados, remotivando-os. Ele pregava que só a união dos bugrinos salvaria o clube.

Apesar dos problemas, a intenção de todos era reformar o gramado, ampliar a capacidade do estádio e até iluminá-lo, recolocando o Guarani em posição de vanguarda. Nos anos anteriores, enquanto o EC Mogiana construía seu magnífico Estádio Horácio Antonio da Costa (inaugurado em 09/07/1940), o Guarani permitiu que o tricolor ferroviário treinasse e jogasse em seu campo, com a promessa do Mogiana de ceder seu estádio no futuro, caso o Bugre dele necessitasse. Em cima desse compromisso, a nova diretoria decidiu fazer uma ampla reforma do gramado, que deveria demorar cerca de seis meses. Foram liberados 250\$000 para a compra de um adubo especial e vários Livros de Ouro começaram a ser passados pela cidade.

Em fevereiro de 41, porém, os planos mudaram e decidiu-se fazer no campo uma grande quermesse, em busca de recursos para a reforma e, principalmente, para pagar a antiga hipoteca, cujo valor já chegava a 50:000\$000 (cinquenta contos de réis), depois de várias prorrogações. A hipoteca preocupava demais, pois iria vencer novamente e o clube poderia perder todo o seu patrimônio (como havia acontecido com a AAPP dez anos antes). O responsável pela quermesse foi o Sócio Benemérito Egydio Aranha, e foi montado um verdadeiro Parque de Diversões sobre o gramado, inclusive com shows e tômbola, além de grandes brinquedos. Enquanto isso, o time treinava e jogava no estádio do Mogiana.

Foi quando surgiu uma boa notícia para trazer receitas ao clube: a “Campanha das Figurinhas” da Cigarros Sudan. Essa empresa fora criada pelo empresário paulistano Sabbado D’Angelo (falecido no final de 1938), que muito colaborara em vida com vários esportes (especialmente o automobilismo) e com o próprio Guarani. Para cada figurinha recolhida nos maços de cigarro, a empresa Sudan pagaria ao clube o valor de 30 réis, além de ter assinado num Livro de Ouro a importância de 1:000\$000.

Para que se tenha uma idéia da difícil situação financeira do clube naquele momento, a diretoria se reuniu em 28/03/1941 para decidir se o Guarani participaria do Campeonato Campineiro daquele ano ou pediria licença, por total falta de recursos. A saída foi solicitar aos sócios que pagassem mensalidades em dobro pelo menos até o mês de setembro, e o técnico Luiz Frutuoso acabou sendo dispensado, pois o clube não tinha como lhe pagar um salário.

Mas a dedicação de todos valeu a pena. No dia 05/06/1941, no palanque da quermesse, com a presença até de representante do Prefeito, a hipoteca de 50:000\$000 foi paga ao Sr. Ítalo Franceschini, em meio a grande festa, com banda de música e tudo. Foram-lhe entregues 100 notas de 500\$000. Os Livros de Ouro arrecadaram 17:000\$000; a quermesse 20:000\$000; a Campanha das Figurinhas trouxe mais 7:000\$000 e houve um empréstimo pessoal do Sr. Antonio Júlio, de 6:000\$000, para completar. O presidente Sebastião Otranto cumpria sua principal missão.



Na foto, o momento histórico do pagamento da hipoteca, no palco instalado na quermesse. O terceiro senhor a partir da nossa esquerda, de óculos e chapéu na mão é Egydio Aranha; ao centro da mesa, com bigode e paletó escuro, está o presidente Dr. Sebastião Otranto e, mais à direita, grisalho e de terno claro, o Sr. Ítalo Franceschini. Alguns outros são reconhecidos: na sequência, de braços cruzados, Leonel Ferreira Gomes; às suas costas aparece o rosto do Secretário Raphael Radamés Pretti e atrás do garoto de calças curtas está Orlando Santucci.

Depois da alegria pela salvação do patrimônio, porém, voltaram os problemas. O projeto previa a reforma do gramado e do estádio, inclusive iluminando-o, mas durante 6 meses a preocupação foi a quitação da hipoteca. Após um atrito surgido com a contratação, pelo Guarani, do jogador Bibiano, ex-Mogiana, o clube ferroviário decidiu proibir o Bugre de continuar treinando em seu campo, alegando que o clube prometera reformar seu gramado, mas acabou destruindo-o pela quermesse, nada tendo feito.

Dr. Otranto e sua diretoria decidem, então, partir com tudo para a reforma. Em setembro de 1941, foram apresentadas várias plantas para melhoria de todo o complexo. Uma verdadeira reconstrução geral. Em outubro, o incansável Egydio Aranha assumiu um posto de comando nas obras e foi lançada a “Campanha do Milhão de Figurinhas”. Enquanto isso, o time de futebol, com os artilheiros Zuza e Bibiano, voltava a ser Campeão Campineiro (todos os jogos do campeonato foram no Estádio do Mogiana).

No final do ano, com a hipoteca paga, dívidas equalizadas e o futebol voltando a brilhar, o presidente não quis se reeleger. Chegou-se a cogitar a colocação do nome de Sebastião Otranto no estádio, mas ele não aceitou. Dizia que isso seria injusto com os muitos colaboradores que teve. Mas seu nome ficou registrado como um dos maiores presidentes da história do clube, um exemplo de liderança, perseverança, dedicação e competência. Para substituí-lo, foi eleito Jayme Serra, com breve duração no cargo (o que era comum).

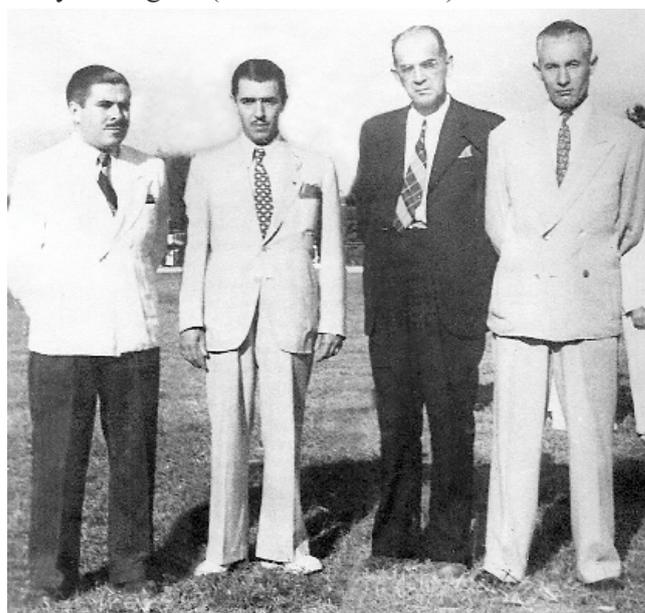
Em março de 1942, o gramado estava parcialmente recuperado e já foi possível voltar a jogar nele. A primeira partida foi contra o Guanabara FC, com vitória bugrina por 3 x 0 em 15/03/42. Em 6 de abril, criou-se no clube uma “Comissão de Construção”, com nomes de destaque, como Alexandre Chiarini, Dr. Clóvis Peixoto, Antonio Júlio, Carlos Semedo Ribeiro e Angelo José Vicente, entre outros.

No dia 10/04/1942, João Mezzalira foi eleito presidente. No mês seguinte, foi iniciada a “Campanha do Cimento”. A intenção, diziam, era “permitir que se possa jogar no estádio por mais 10 ou 15 anos”.

Em novembro de 1942, a Diretoria decide encerrar o contrato de locação do terreno da E. F. Sorocabana junto a rua Antônio A. Lobo, no fundo do estádio, e comprar um ao lado, para “no futuro se fazer nele obras vultosas”. O terreno, de 215,80m² em forma triangular, era do Sr. Antonio de Oliveira Valente, que concordou em vendê-lo por 4:200\$000. Em dezembro de 1942, embora a escritura ainda não estivesse lavrada, o clube já foi autorizado a trabalhar nele. A escritura foi assinada em 18 de janeiro de 1943, quando o presidente já era Alfredo Ribeiro Nogueira e o preço foi de Cr\$ 4.200,00 (o dinheiro já havia sido trocado em 1º de novembro de 1942, com mil réis passando a valer um cruzeiro).

Em fevereiro/1943, porém, a diretoria decidiu vender um terreno com frente para a R. Barão Geraldo de Rezende, para gerar recursos para as obras. No mês seguinte, foi lançada a “Campanha do Ferro”, com 1.000 cartões de uma rifa sendo vendidos a Cr\$10,00 cada. Em maio de 1943, percebeu-se que seriam necessários mais 11 ou 12 mil cruzeiros para terminar a reforma, e decidiu-se fazer um empréstimo interno, entre vários associados. O clube lhes pagaria depois, como pudesse.

A reinauguração do estádio ampliado foi em 20/06/1943, com o primeiro “dérbi” de uma série “melhor de 5 pontos” chamada de “Confraternização Esportiva” (1 x 1). Na foto abaixo, personalidades presentes em 04/07/1943, na 2ª partida de reinauguração (Guarani 4 x 3 AAPP). Da esquerda: Leonel Ferreira Gomes (vice-presidente da Liga Campineira de Futebol, vice do Guarani e membro da CCE - Comissão Central de Esportes); Alfredo Ribeiro Nogueira, presidente do Guarani; Prof. Floriano de Azevedo Marques (Secretário da CCE e ex-presidente bugrino) e Ary Rodriguez (Presidente da CCE).



Autor desconhecido - Reprodução - Acervo LCF

O primeiro estádio bugrino ainda teria duas grandes ampliações posteriores, a primeira inaugurada em 14/04/1946, quando o Guarani enfrentou o Fluminense FC/RJ, oferecendo aos torcedores uma nova arquibancada para 800 pessoas à esquerda das Sociais (olhando-se do campo) e mais 300 cadeiras especiais, colocadas na pista, e outra após o acesso à 1ª Divisão de Profissionais da FPF, em 1950, com a colocação de mais degraus nas gerais e nas várias arquibancadas, e com a construção de uma arquibancada atrás do gol dos fundos, metade de cada lado do gol. Onde havia um espaço no estádio para ampliação da sua capacidade de público, ela foi providenciada.

Curiosidade: em 10/06/1950, o estádio recebeu, pelo Campeonato Sul-Americano Universitário, sediado em São Paulo, a partida Brasil 4 x 0 Argentina.

Um Tour pelo Antigo Estádio

Vamos fazer uma viagem pelo tempo e conhecer em detalhes como era o antigo “Estádio Guarani” nos últimos anos de sua existência. Isso é possível graças, principalmente, às lentes do grande desportista e fotógrafo Aristides Pedro da Silva, o inesquecível “V8”. Na primeira foto, as bilheterias e a entrada (Rua Barão Geraldo de Rezende), após a eleição municipal de 1950; a seguir, a arquibancada existente à direita da entrada, abaixo, o bar e a cabine de imprensa escrita, agora de alvenaria, junto ao bar.

Fotos V8 - Coleção FPS



Imagens das “Sociais” (ampliadas, com oito vigas de sustentação e degraus adicionais) e das arquibancadas, à sua direita e esquerda, também com degraus extras próximos ao solo (fotos V8).



Ao lado, um setor reservado para a imprensa falada;

Ao centro, vista interna das Sociais (já com as novas arquibancadas ao fundo);

Após, a arquibancada dos fundos, dividida em dois setores, a última a ser construída.

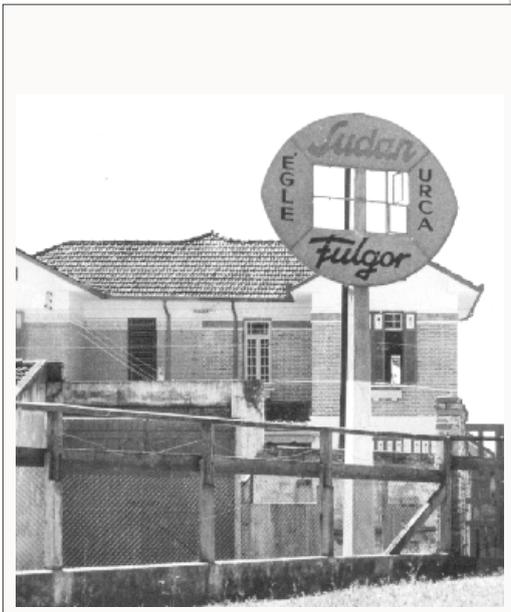
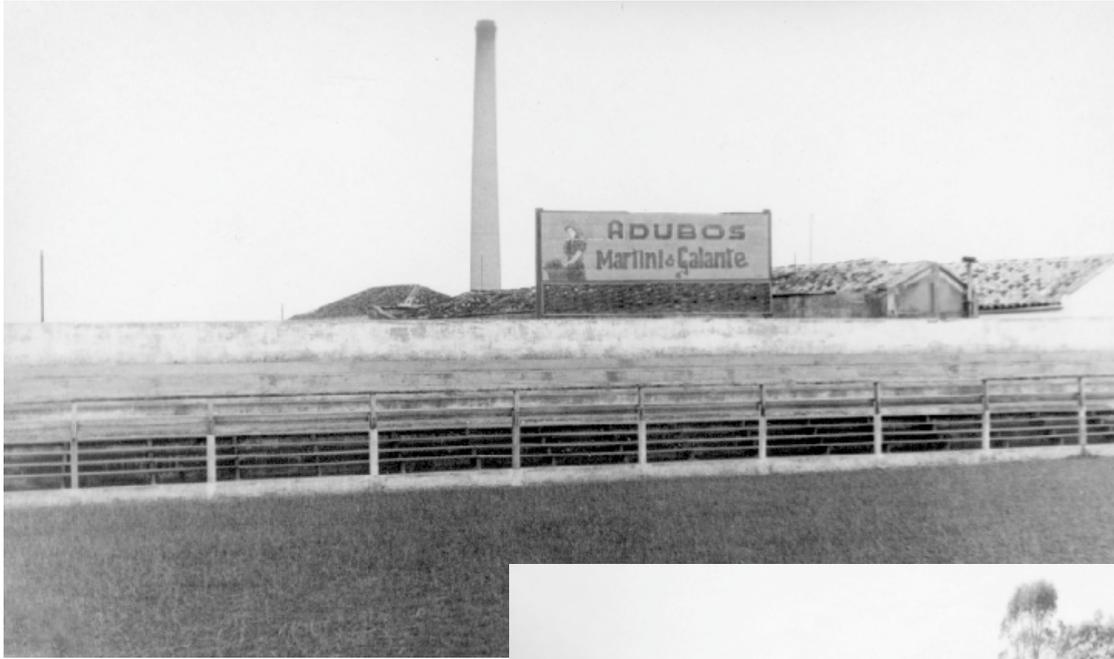


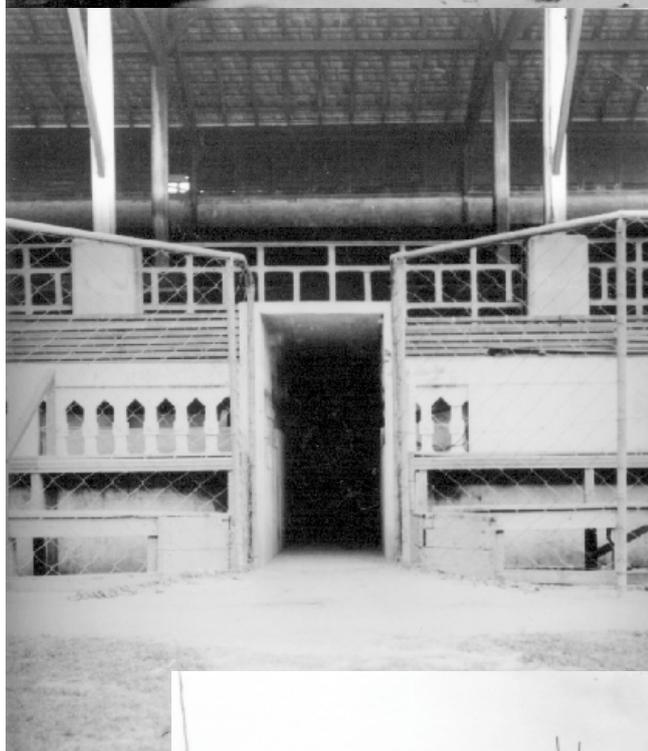
Fotos V8/CMU



Foto V8 - Acervo CMU

Imagens da “Geral”, “ampliada” com madeira nas duas extremidades e também com degraus adicionais junto ao solo. A segunda foto permite visualizar que os 4 degraus originais foram divididos em dois, aumentando a capacidade do local. Em seguida, o Placar e vista da entrada do estádio, com o lado interno das bilheterias.





Acima, as entradas dos vestiários e, nas duas últimas portas, de sanitários, masculino e feminino, construídos sob as “Sociais”.

Ao lado, a saída dos vestiários para o campo.

Abaixo, vista do sanitário existente atrás das “Gerais” de alvenaria.



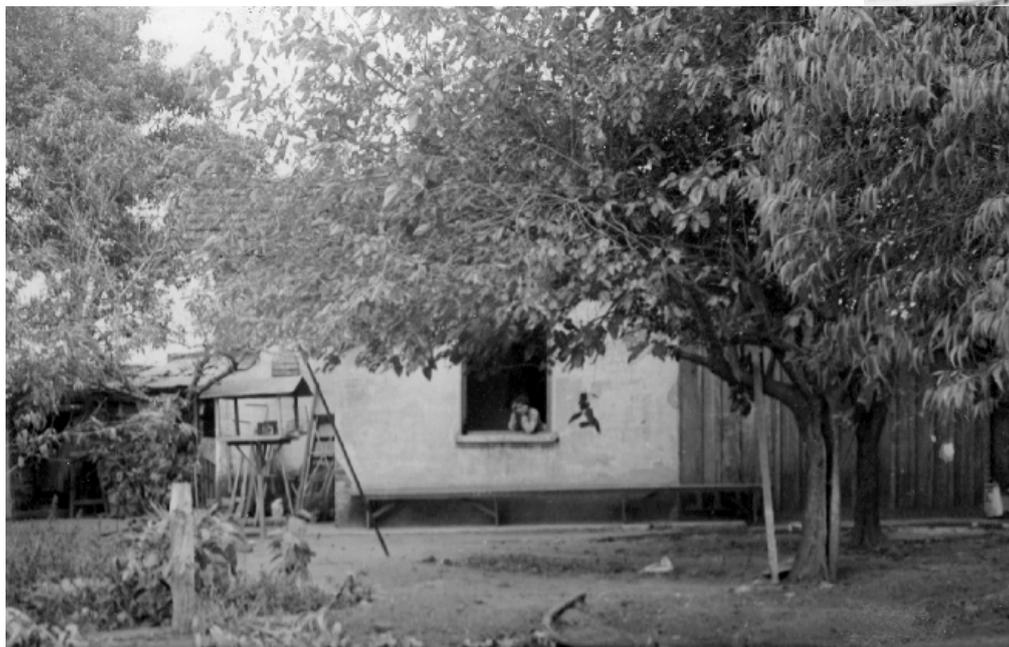
O famoso “obelisco” existente no antigo estádio foi construído em homenagem ao empresário Sábado D’Angelo (proprietário da Cigarros Sudan) - que em vida muito ajudara o Guarani - e indiretamente à empresa que ele deixou, que continuou colaborando com o clube mesmo depois da morte do empreendedor, em 1938. Foi inaugurado no intervalo de uma partida amistosa contra a SE Palmeiras em 24 de fevereiro de 1946. Em sua placa constava a inscrição: “HOMENAGEM DO GUARANI F. C. AO SEU GRANDE AMIGO COMENDADOR SABBADO D’ANGELO INCENTIVADOR MÁXIMO DOS ESPORTES NO BRASIL”. O obelisco desapareceu após a demolição do estádio.

Na foto seguinte, a casa do zelador, situada atrás do gol dos fundos do estádio. Nessa época, o zelador era o Sr. Luiz de Camargo (Camisola), ex-goleiro e ex-treinador do Bugre.

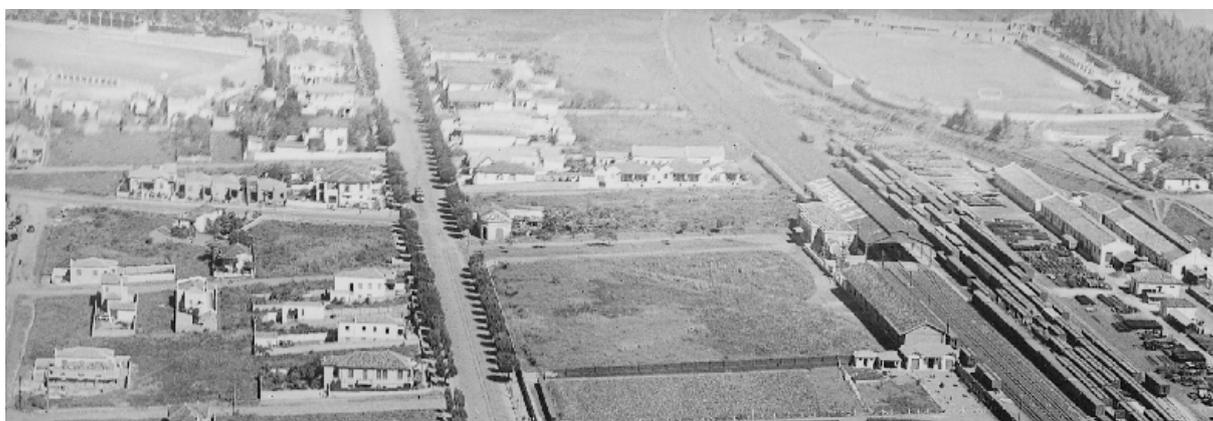
Na terceira imagem, o muro da lateral do estádio, na Rua Dr. Antônio Álvarez Lobo.



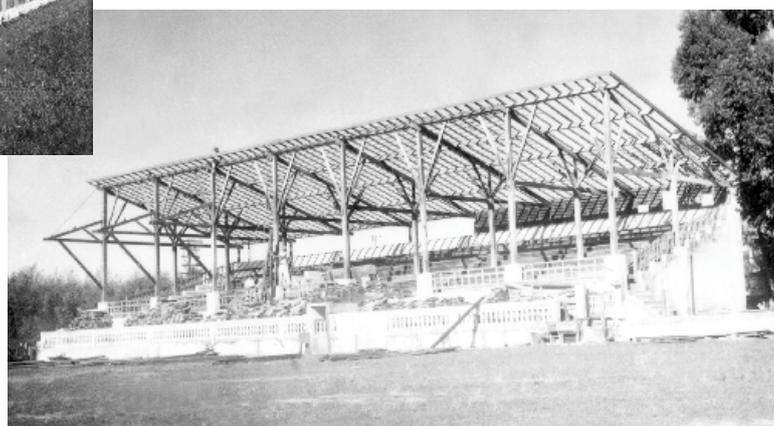
Fotos V8/CMU



Fotos aéreas do antigo estádio bugrino são raras. Além da já publicada na página 10, vamos destacar mais quatro: a primeira tirada em março de 1933 (do acervo de Luís Eduardo Salvucci Rodrigues); a segunda no início dos anos 40 pela ENFA - Empresa Nacional de Fotos Aéreas (acervo do MIS/Campinas), mostrando os estádios do Mogiana e do Guarani, este com um corte; a terceira de 1951, já mostrando o estádio completo (do acervo de Luís Eduardo Salvucci Rodrigues). A última é de 1952, de autoria da "Foto Ney" (MIS/Campinas), também cortada.



O último jogo no *Estádio Guarani FC* aconteceu no dia 05/04/1953, quando o Bugre enfrentou amistosamente o São Paulo FC, com empate em 1 x 1. Na primeira foto, o time que se exibiu pela última vez no histórico gramado: Palante, James, Clóvis, Herbert, Paulo e Saraiva; agachados, Dido, Nonô, Romeu, Piolim e Hélio. Na segunda foto, a torcida em peso para o jogo de despedida, com a presença de uma banda militar. Em seguida, a desmontagem das arquibancadas, para o madeiramento ser aproveitado atrás dos gols do novo Brinco de Ouro da Princesa, e o início da demolição completa, sendo o terreno preparado para o loteamento do local. Imagens que emocionam até quem não conheceu o antigo palco de tantas vitórias (fotos V8/CMU).



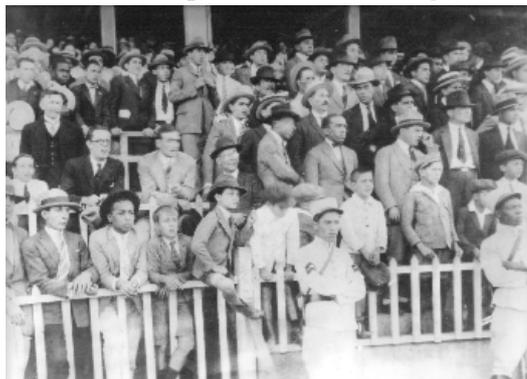
Na página seguinte, outras fotos da demolição, com abertura da rua Bernardo José Sampaio para o loteamento do terreno. Isso aconteceu após a inauguração do estádio Brinco de Ouro da Princesa, que ocorreu em 31 de maio de 1953.



Todas as fotos de V8 - CMU



A primeira partida interestadual realizado em Campinas reuniu, em 07/09/1925, Guarani e América FC do Rio de Janeiro (campeão carioca, pela terceira vez, em 1922). Grande público viu a vitória dos visitantes por 2 x 1. Na foto (somente os jogadores), da esquerda: Zequinha, Tavares, Roberto Caco, Joca e Nerino; abaixo: Aristides, Lori, Juca, Joaquim, Valentim e Hugo.



Fotos reproduzidas por V8 (hoje no CMU)

O primeiro jogo internacional seria três anos depois. Em 20 de maio de 1928, o Bugre recebeu o combinado uruguaio chamado *Peñarol Universitario* (não confundir com o CA Peñarol). Na foto, os dois times, antes do empate em 0 a 0. O Bugre jogou com: Camisola; Orlando e Raphaelael; Elydio, Lori e Joaquim; Paulo, Castro, Nenê, Zequinha e Marcello.



Em 3 de fevereiro de 1929, o Bugre (4º colocado nos Campeonatos Paulistas de 1927 e 1928) recebeu a Seleção Paulista, que iniciava sua preparação para a disputa do Campeonato Brasileiro (que era de seleções estaduais). Para surpresa de muitos, o Guarani venceu por 2 x 0. O pontapé inicial foi dado pelo Prefeito Orosimbo Maia (foto 1). Na foto 2, a seleção paulista naquele dia. No final do ano, a seleção sagrou-se campeã nacional, tendo como reserva o bugrino Arcelino Pacheco (Nenê), que assim tornou-se o primeiro jogador do clube a ser campeão brasileiro.



Fotos cedidas pelo Dr. Cirilo Muraro

Muitos jogos mereciam ser citados aqui, como a vitória sobre a Seleção Paranaense em 1926, a goleada sobre o Corinthians Pta. por 6 x 2, no quadrangular final do Camp. Paulista de 1927, o massacre por 10 x 1 sobre o CA Ypiranga em 1930 (com 6 gols de Lolico), o famoso 5 a 0 no Batatais, pela 2ª Divisão de 1949 etc, mas destacaremos outros dois, vencidos pelo mesmo time da foto ao lado: a goleada por 7 x 0, em 19/11/1944, sobre a AA São Bento de Marília na 1ª final do Campeonato do Interior de 1944, que garantiu o título, mesmo com derrota no jogo da volta, e o da vitória obtida sobre os amadores da SE Palmeiras, em 17/12/1944, na 1ª final do Estadual Amador, que abriu o caminho para o título inédito. Na foto: Renatinho, Nenê, Fricote, Alemão, Bibiano, (César Contessotto, presidente), Piolim, Zuza, Silva, Couto, Pavuna e Cesarino (goleiro).



Foto Luizinho Carvalho de Moura